

Eis chegado o grande dia, 7 de Março de 2011. Os objectivos já há muito tempo delineados seriam em breve concretizados. Saída da Escola às dez horas como previsto. Malas preparadas, coloridas, devidamente personalizadas, que os nervos poderão fazer falhar o discernimento.

Viagem para o Aeroporto Sá Carneiro. Calma, com muito tempo, algo essencial, pois poderá dar-nos margem de manobra para qualquer eventualidade. E esta aconteceu: graças ao espaço de tempo alargado, a Ângela pode partir, pois o seu pai teve tempo suficiente para ainda lhe poder levar o Cartão de Cidadão, entretanto encontrado e sem o qual não poderia ter ido. O *check in* começa, uma nova realidade para a maior parte do grupo. De salientar o rigor com que as autorizações dos pais das alunas menores são vistas, algo que acontecerá de novo aquando da ida para a fila da porta de embarque, já depois de passar pela revisão de segurança. Durante todo este percurso já as alunas contactaram com termos que só conheciam da aula: *departure, gate, boarding pass, ...*

E a hora de embarcar chegou. Assustadas, nervosas, ansiosas, excitadas, um misto de sensações novas, impossíveis de disfarçar. E o primeiro contacto real com a língua inglesa e com a moeda.

O voo foi fantástico: um tempo limpo, que nos permitiu ver o cenário muito lá em baixo. Não houve instabilidade, nem qualquer tipo de sobressalto. Tempo para falar, rir, conhecer.

E chegámos a Gatwick. Eram dezassete horas. O aeroporto, estando em obras, parece-nos carrancudo, cinzento, reticente. Lá fomos para a alfândega. Tudo bem.

De seguida, vem a *luggage claim*, novo termo posto em prática. Aí vem a minha mala, aí vem a tua... pedaços de nós à espera.

Igualmente à nossa espera, duas carrinhas que nos transportariam ao hotel Generator. Serviço fantástico, de uma utilidade prestimosa (não seria fácil chegar a Londres, com todas aquelas malas e a anoitecer...). A viagem para Londres demorou cerca de uma hora e meia. No caminho, pudemos observar as casas típicas e, já à chegada, ter uma vista privilegiada do *Big Ben* e das *Houses of Parliament* ao cair da noite. Parecia um sonho! Estávamos mesmo lá.

Deixaram-nos mesmo na entrada do Hotel Generator. Só tivemos de descer uma pequena estradinha e virar à direita. Aí o contacto com um *check in* real. As alunas que tinham ficado como titulares da reserva dos quartos preencheram uma ficha fornecendo os seus dados. Tiveram, entretanto, de tomar conhecimento das regras do hotel. De seguida, já agrupadas, receberam o número do quarto e o cartão magnético para a sua abertura.

Tempo de inspecionar, de vasculhar, de arrumar “a casa. Não era nenhum luxo, mas era aceitável. Afinal, estava lá muita gente. Ficámos no segundo, terceiro e quarto andares. Cada andar tinha balneários comuns, não havendo casas de banho privadas. No primeiro andar havia um restaurante, um bar, uma sala comum para as refeições e uma sala de estar, onde geralmente se encontrava muita gente a conversar, a ver televisão, a teclar no computador, ...

Neste primeiro dia, a prioridade foi comer algo e descansar, porque o cansaço pesava. Nada de *Piccadilly Circus*, simplesmente descanso. Ainda tivemos oportunidade de conhecer a “nossa” estação de metro, *Russel Square Station*, e a “nossa” linha, *Piccadilly Line*. E, para um primeiro dia, o balanço foi bastante positivo.

Dia 8 de Março.

Pequeno almoço numa profusão de nacionalidades onde não faltavam conterrâneos. Como é difícil movimentar-nos em terreno desconhecido! Nada que não se ultrapasse. Preparação para um dia a pé, adivinhando-se, assim, bastante cansativo.



O trânsito matutino de uma cidade como Londres, os táxis típicos a passar, os prédios sumptuosos de *Euston Road* e *Marylebone Road* que nos levariam ao Museu *Madame Tussaud's*. “*Look right*”, “*look left*”, “*underground*”, locuções que podiam ser comprovadas pela realidade gritante. “*Where is Madame Tussaud's?*” “*Straight ahead!*”. E lá estava ele com a sua cúpula verde. Afinal, havia muita gente que, como nós, esperava para entrar. Os “*vouchers*” foram trocados pelos bilhetes e, vinte minutos depois, entrávamos. Seria impossível percorrer as salas em grupo. Só nos voltaríamos a encontrar cerca de duas horas mais tarde, já no exterior.

Registe-se toda a movimentação à volta das personagens, desde as políticas às desportivas, passando por aquelas do panorama musical, dos que já cá não estão aos bem vivos e da nossa convivência. E temos a Família Real, a família Obama, o José Mourinho, o Morgan Freeman, o Ghandi, o Michael Jackson e muitos outros. De realce a viagem pelo tempo em táxis típicos londrinos que levam o viajante a reviver os tempos passados da história de Londres. Ainda, para ver e “fugir” de medo, a *Chamber of Horrors* que arrepia o mais destemido ou não fosse uma encenação recorrendo a “*real actors*”.

Tempo ainda de visitar a “*gift shop*” e de lidar com “*real money*”.

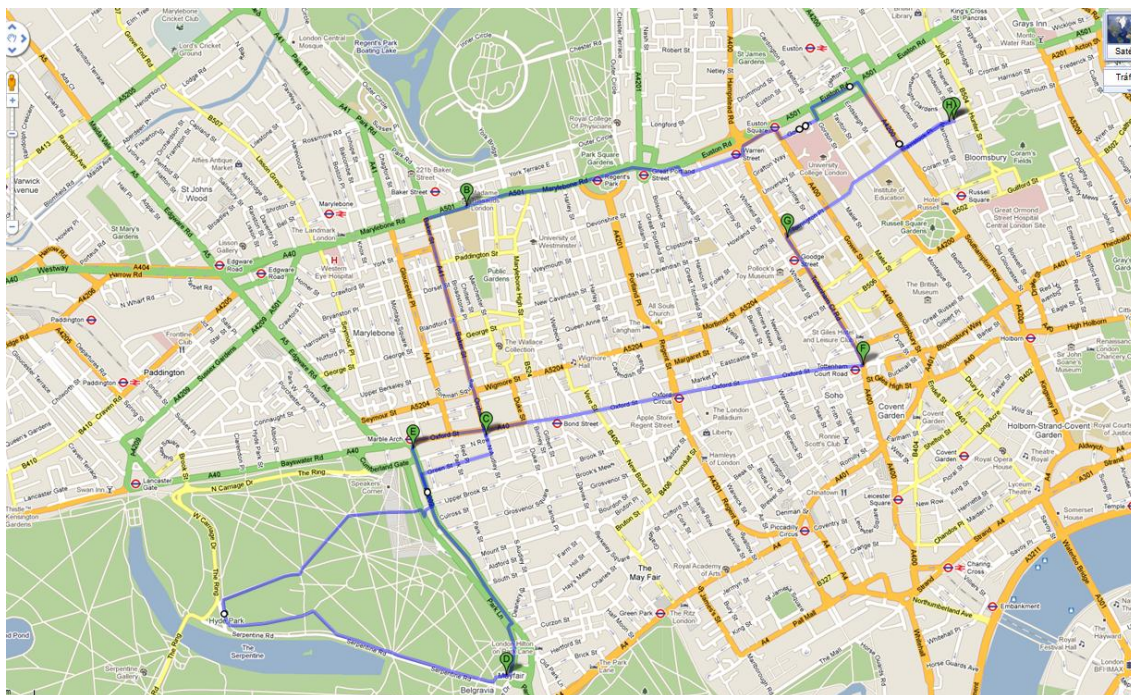
Hora de almoço. Aproveitou-se o facto de, ao lado, haver um restaurante que servia comida que nos pareceu comestível. Comer em Londres é muito caro!

Hora ainda de comprar as camisolas com o *slogan* “I ❤️ London”. Hora de lidar com comparativos de superioridade: “*I want a smaller one*”, “*I want a bigger one*”. Trocos para aqui, trocos para ali, há que caminhar rumo a *Hyde Park*.

E o caminho a pé foi longo, através de *Oxford Street* até *Marble Arch*, marco de *Hyde Park*. O dia estava lindo, mas havia vento e fazia frio. Entrámos no parque até ao “*Speaker's Corner*”, onde nos tentámos proteger da brisa.



Mas claro que o lago *Serpentine* tinha de ser visto. Os esquilos, as pessoas à beira do lago, alguns transeuntes exercitando os patins, mais um café, mais um sumo. E agora? Hora de voltar porque o bilhete de metro era caro e não justificava a sua compra só para viajar uma vez. A decisão foi regressar a pé, algo que foi penoso, com muita visão e revisão do mapa que nos acompanhou. Competência adquirida, com certeza! Desta vez percorremos toda a *Oxford Street*, com a promessa de lá voltar para fazer compras, até *Tavistock Place*, local do nosso hotel. Saímos de manhã e regressámos à noite. Depois de um dia assim, só apetecia descansar. No fim de jantar, ainda fomos a *Russel Square Station* inquirir sobre a compra de bilhete de grupo para o próximo dia. Assim, a visita a *Piccadilly* ficaria adiada para o dia seguinte, usufruindo plenamente do bilhete de metro.



Regresso ao Hotel, não sem antes dar uma volta de reconhecimento pelos seus arredores, descobrindo lugares que poderiam vir a ser úteis (vários supermercados) e ainda tomar uns *capuccinos* quentinhos num restaurante que se tornou familiar. Sempre que passávamos, era ouvi-los com “hellos” ruidosos e indisfarçáveis.

Quem quis ainda passou pela sala de estar do hotel, mas a cama chamava para descansar: o dia seguinte ia ser igualmente longo.

Dia 9 de Março de 2011

Pequeno almoço no hotel, mais continental que “British”: sumo, leite, café, cereais, tostas (que cada um podia aquecer numa “torradeira” comum), manteiga, compotas...

Seriam 9 h quando saímos rumo a *Russel Square Station*. Aí comprou-se um bilhete de grupo que nos permitiria andar todo o dia no metro. E que prático se revelou ser! Tomámos *Piccadilly Line* (*dark blue*) rumo à estação *Hyde Park Corner*. Foi só seguir as placas de informação ou os turistas que, como nós, se dirigiam ao Palácio de Westminster para ver a cerimónia “The Changing of the Guard” (O render da guarda). Aí tivemos tempo suficiente para observar *Buckingham Palace* (O palácio de Buckingham), com a bandeira hasteada e as cortinas corridas. Foi tempo de escolher o melhor lugar que, de acordo com um *bobby*, seria nas escadas do monumento dedicado à *Queen Victoria*.



Um pouco atrasada (algo que contraria a tão falada pontualidade britânica) lá decorreu toda aquela cerimónia, num misto de cavalos, guardas, palavras de ordem, cor e música. À nossa volta muita gente e, quem diria, um grupo de alunos de Penafiel.

Terminada esta cerimónia, dirigimo-nos à zona de Westminster, tendo como objectivo a visita à *Westminster Abbey*, às *Houses of Parliament* e *Big Ben*, não sem antes ter almoçado num restaurante de *fast food*. Tempo para comprar lembranças, tirar fotos, acertar o relógio e ver de longe o *London Eye*.

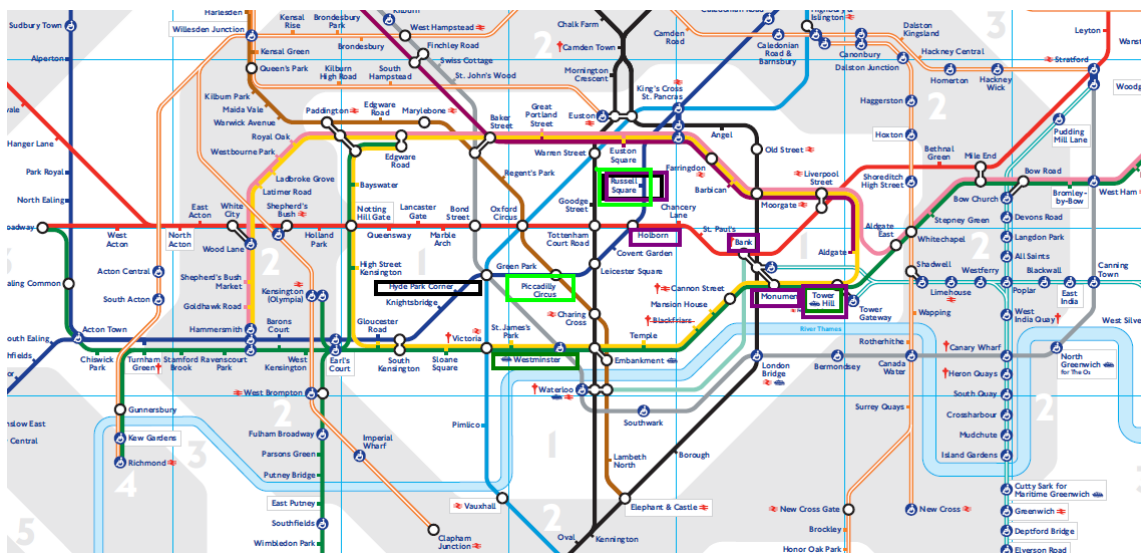
Hora de tomar o metro na estação de Westminster (*green line*) até *Tower Hill*. Aí foi só seguir as indicações para a Torre de Londres (Tower of London). O dia estava escuro. Ameaçava chover, o que acabou por não acontecer. Os “vouchers” foram trocados pelos bilhetes. Muitos turistas por todo o lado. Olha a *Tower Bridge* tão azul e ali tão perto! Interessante visitar um local tão importante para a história da Inglaterra e do Reino Unido. Lugar de muitos actos macabros que ainda se adivinham por detrás de todas aquelas pedras. As jóias da coroa são sempre belas e o vídeo sobre a coroação da Rainha Isabel II, em 1952, faz suscitar a curiosidade sobre toda a árvore genealógica da Família Real. Então, mas quem é Charles? E William? Interessante ainda foram os corvos que se passeiam no jardim da torre. Diz-se que, no dia em que a sua presença não se faça sentir, a monarquia terá cessado por aquelas terras!

Foi tempo de fazer um trajecto de metro complicado, de volta a *Russel Square Station*. De *Tower Hill* a *Monument*, usando a *District Line (green line)*; andar bastante (como toupeiras) para chegar à estação de *Bank* na *Central Line (red line)*. De *Bank* até *Holborn* na mesma linha foram apenas duas estações. Nada fácil, principalmente em hora de ponta. Aí foi só entrar de novo na *Piccadilly Line (dark blue line)* até à “nossa” estação. Hora de regressar ao hotel para descansar e jantar.

Ainda sairíamos à noite, tomando de novo o metro (a mesma linha, felizmente!) para *Piccadilly Circus*, espaço privilegiado à noite.



Foi lindo, sair da estação e depararmos-nos com os reclamos luminosos que apenas conhecíamos de outros suportes que não o real. Tempo de vermos montras (aqueles bolos apetitosos!), a farmácia da cadeia *Boots and Spencer*, mais lembranças.



Eram vinte e três horas quando fizemos a viagem de volta, tirando o máximo partido do bilhete comprado pela manhã. Hora de descansar, porque um novo dia nos esperava.

Dia 10 de Março de 2011

A mesma rotina e o mesmo pequeno almoço. Agora já nos vai parecendo familiar. Hoje seria o dia de compras “*shopping day*”, um dia bastante aguardado. Mas primeiro havia a visita a *St Paul’s Cathedral* (Catedral de São Paulo). Compra de um novo bilhete de metro. *Piccadilly Line* até *Holborn*. De *Holborn* até à estação de *St Paul’s* pela *Central Line (red line)*. Troca dos “*vouchers*” pelos bilhetes e o recurso a uma nova tecnologia: *phones* que nos permitiram ouvir a história de todo aquele monumento. Assistimos à oração (dois minutos apenas) que todo o dia (e todos os dias) acontece naquela catedral e na qual todos são convidados a participar. Para os que acreditam e para os que não acreditam. Subida de 257 degraus até à *Whispering Gallery* (Galeria dos Suspiros), assim chamada porque qualquer murmúrio aí sussurrado far-se-á ouvir na catedral. Para os mais corajosos ainda um lanço de degraus (528) para ter uma visão esplendorosa de Londres. Recomendável para quem esteja em forma.



Mais lembranças na *gift shop*.

Hora de tomar o metro de novo para a estação de *Knightsbridge*, estação que serve *Harrods*. Central Line, mudança em *Holborn* para a *Piccadilly Line*. Aí estávamos, em *Harrods*. Primeiro era necessário almoçar. Fizemo-lo num Mac.



E foi tempo de visitar, sim porque os preços são proibitivos para comprar, os diferentes sectores. Notável o luxo a par com a simpatia com que recebem os visitantes.

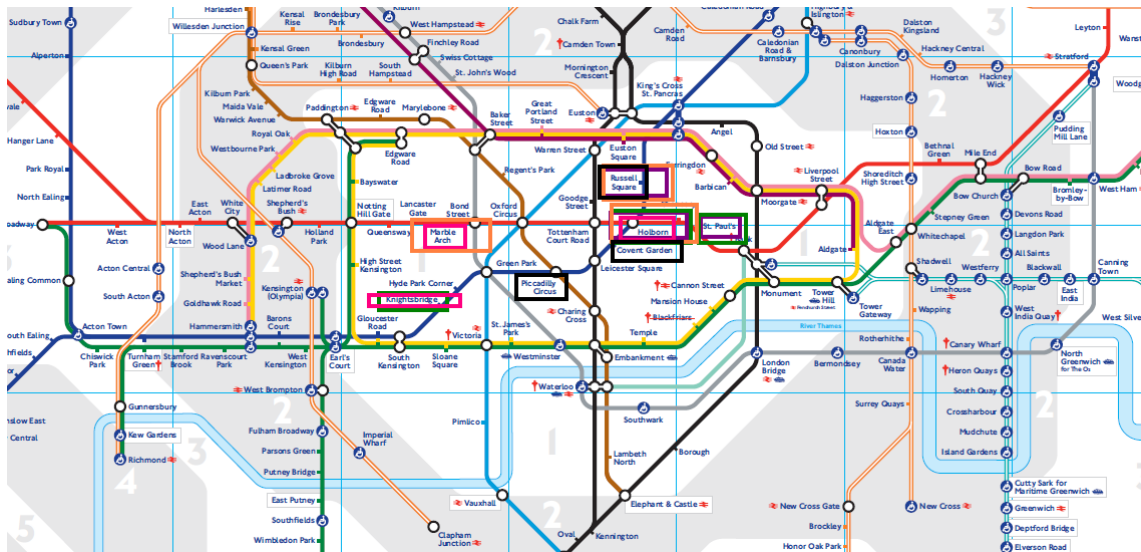
Cá fora os táxis alinham-se à espera de clientes. Nós apanharemos o metro.

De *Knightsbridge* até *Holborn*, na *Piccadilly Line*, e de *Holborn* até *Marble Arch*, na *Central Line*. Para nós “mind the gap”, “way out” e “keep right” já eram expressões familiares. Tempo de compras em *Oxford Street*: nesta famosa rua há lojas caras (*Marks and Spencer*, *Selfridges*), mas também há a *Berska*, a *Primark*, ...

18h30 - hora de fazer o percurso de volta: de *Marble Arch* até *Holborn* e de *Holborn* até *Russel Square Station*. Descanso e jantar.

E o dia não acabou sem fazer uma visitinha (curta) a *Covent Garden*. De dia seria um local muito interessante para visitar, de noite, só uns bares abertos (com entrada proibida a menores) e um cantor de rua. A voz de Tracy Chapman a cantar “Baby can I

hold you". Podia-se inferir o movimento que aquele local teria durante o dia. Fazia frio, mas *Piccadilly* ainda nos chamou uma vez mais: ainda tínhamos o bilhete de metro.



Hotel, descanso, que o dia seguinte seria de partida e os horários teriam de ser respeitados. Afinal estávamos bem longe.

Dia 11 de Março de 2011

Dia da partida para Portugal. Com *transfers* às 07:55 (quatro horas antes do voo), tivemos de nos apressar. O *check out* revelou-se rápido, porque não tínhamos feito qualquer depósito. Foi só entregar o cartão magnético e sair.

A viagem para Gatwick foi calma. Demorou uma hora e trinta minutos.

*Check in* logo de seguida, passagem pela alfândega e meia hora para comer enquanto se esperava pela indicação da abertura da nossa porta de embarque. *Flight number*, *destination*, *gate number*, *boarding* (felizmente, não *delayed*), expressões facilmente consultáveis nos ecrãs do aeroporto. A nossa porta foi o número 4. Foi uma questão de meia hora até entrarmos para o avião. A tripulação era muito simpática.

O voo decorreu sem incidentes e foi com indisfarçável alegria que avistámos a cidade do Porto.

Recolhemos as malas e o autocarro já nos esperava. Silêncio, risadinhas, nervoso miudinho, saudades para matar.

Serviu como experiência e como vivência de novas situações. Cada um falará por si. As saudades, agora caladas, far-se-ão, talvez, sentir muito mais tarde.